

## RELER CÂMARA CASCUDO

Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes\*

SILVA, Marcos (org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva/Fapesp/FFLCH-USP/Fundação José Augusto/UFRN, 2003.

O *Dicionário crítico Câmara Cascudo* vem comprovar, a partir do contorno plural dos diversos autores-colaboradores, a amplitude dos diversos campos que Luís da Câmara Cascudo pesquisou, estudou e registrou.

Seu organizador, Marcos Silva, professor da FFLCH/USP, estabeleceu, como objetivo primeiro, reunir, em obra acessível à comunidade de estudiosos, pesquisadores e demais cultores da oralidade, esse poeta, historiador, antropólogo, geógrafo, etnólogo, romancista e recolhista, um *Dicionário* de alto nível para uma segura localização de suas obras, em apresentações densamente contributivas de renomados pesquisadores-professores.

Sabemos que as “formas simples” emigram, assim como os povos, e, nesse movimento, povos e homem adquirem, perdem, acrescentam, transformam caracteres e significações. O elemento que mais se modifica é a linguagem, pois absorve projeções do ambiente social e psíquico onde se encontram imersas.

Esse *Dicionário crítico* espelhou, em 91 autores, a multiplicidade ímpar de Câmara Cascudo, pois só essa quase centena pensante poderia conferir luzes, dando conta de suas dimensões teóricas, temáticas, a tão rara complexidade, em leitura analítica contemporânea.

O iniciante em pesquisa e o pesquisador consagrado, ambos irão debruçar-se com igual sede e satisfação sobre essa pluralidade temática, sorvendo, com igual prazer, o frescor das águas que dessedentam graças a sua qualidade, e em jorro contínuo, antigas dúvidas, conceitos formulados consistentemente, indicações precisas. É um referencial claro, preciso e coeso.

Nesta resenha, escolhi referenciar obras de Câmara Cascudo menos conhecidas do público em geral, e certamente dos estudantes de vários níveis, inclusive os das faculda-

des. A citação é a de poucos títulos, exigido pelo espaço de uma resenha. O homem e a natureza encarregam-se de fincar marcos, de legar um registro fundamentado e erudito dos fatos.

Confesso-me antiga admiradora de Câmara Cascudo e antiga leitora de suas obras, despertada que fui para o cultivo do acervo folclórico e da oralidade quando, ainda no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, os cursos eram ministrados por mestres como Rossini Tavares de Lima, Câmara Cascudo foi figura presente em nossas aulas. Nas Letras-USP, onde ofereço um curso sobre Fábula, em especial, a Fábula Brasileira, encontrei o registro de um exemplar raro do *Grande Fabulário do Brasil e de Portugal*, que possuo em dois volumes, o do Brasil, de Câmara Cascudo, e o segundo, de Vieira de Almeida e C. Cascudo. A presença dessa obra, nesse *Dicionário*, resultou de intensa pesquisa do Prof. Marcos, que obteve cópia xerocada no Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. Portanto, o *Dicionário* certamente deverá ser fonte bibliográfica e de consulta de múltiplas disciplinas e instituições. Sua divulgação ultrapassa um fazer comum, para tornar-se obra de referência necessária para todos os professores comprometidos com a cultura brasileira.

“No Caminho do Avião” (verbete de Maria Amélia M. Dantes), Câmara Cascudo reúne textos de sua autoria sobre a passagem de alguns pioneiros de aviação por Natal, em 1933. Trata-se, pois, de colaboração de obra rara (ainda inédita em livro), desconhecida do público em geral e, certamente, de muitos dos aficcionados (não-pesquisadores) de Luís da Câmara Cascudo.

Nessa linha (de obras menos conhecidas do público em geral), o *Dicionário crítico Câmara Cascudo* apresenta a “História da Alimentação no Brasil” – verbete da autoria de Paula Pinto e Silva. Obra que reúne sessenta e dois textos. O seu leitor será apresentado às “dimensões históricas desse ato cultural do comer”; será surpreendido com “os contextos da escravidão que o ato de jantar pode revelar”. Divide-se em dois tomos: o primeiro apresenta a pesquisa sobre o cardápio indígena, a dieta africana e a ementa portuguesa, fontes da cozinha brasileira; esta ocupará em minúcias o segundo volume. Todo o processo de produção da farinha, em seus pormenores. A mandioca foi tema que fascinou os cronistas.

“Jangada” (1957), verbete de Bianor Paulino. Forte poética o início do quarto parágrafo: “Nesse livro, Cascudo reencarna-se na voz de um contador de história/estória, não obstante o teor científico do texto”.

A díade história e estória é reveladora e significativa. Estória (intromissão nossa, não se trata de anglicanismo, como apontam alguns). Por estória, entende-se trama, enredo, assunto, narrativa ficcional, e assim grafada pelo prof. Boris Schnaiderman, em suas tradu-

ções de obras de M. M. Bakhtin (história, usada pelos estruturalistas indicando o segundo elemento estrutural da narrativa). A referida diáde, prosseguindo na colocação de Bianor Paulino, concretiza-se em provocação entre o real e o irreal. Este, um cruzamento de depoimentos e conversas dos jangadeiros.

Limite do encantado: “uma jangada – minúsculo artefato humano – flutuando no manso de um mar calmo ou assombrando seu passageiros ao elevar-se ao cimo de gigantesca ondas revoltas”. Pedindo licença a Guimarães Rosa, naqueles dias dos “CRESPOS” DO MAR.

E o jangadeiro ou o recolhista : “Todos sabem que sereia existe”. Bianor Paulino nos brinda com um diagrama da obra, dividida em dois: o homem e seu “habitat” (aqui incluídas, as superstições); e o capítulo “Presença no Brasil“, evolução ou transformação da jangada no Brasil.

“Viajando o Sertão” – verbete de José Maria de Oliveira Silva. Os poetas sertanejos e sua literatura oral desfilam as lutas, as “gestas”, o movimento e as “sagas” nórdicas. Sua fala se assemelha à do século XVI. Obra publicada de março a julho de 1934, em artigos no jornal *A República*. Misturando crônica e ensaio, inscreve-se como a primeira reportagem etnográfica sobre o interior do Rio Grande do Norte.

Seus artigos descortinam um Sertão “descrito de maneira apaixonada”, na expressão do articulista. E Câmara Cascudo apresenta a riqueza da cultura popular, captando, de modo raro e precioso, a mentalidade do homem sertanejo e seu “habitat” geográfico. “Os melhores contos populares de Portugal”. Recolha de Câmara Cascudo, ao lado de grandes folcloristas portugueses (Teóphilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso), em que Câmara Cascudo enfatiza a importância da contribuição brasileira no estudo do conto português. Nelly Noaves Coelho, autora do verbete, registra que Câmara Cascudo foi ousado, além de precursor para o seu tempo, no uso das fontes orais como arquivo histórico.

Kaarle Krohn afirmava que aquilo por nós denominado “maravilhoso”, no conceito popular, pode ser mais lógico que o natural. O Brasil foi um grande estuário da literatura oral, e um dos rios desse desaguar foi a contribuição portuguesa.

Na imensa foz da memória coletiva temos, em Luís da Câmara Cascudo, o Grande Navegador que, nos volumes de seu “Diário de Bordo”, foi rigoroso, minucioso, inventivo, incansável. Seu legado permanecerá para sempre na herança de um número sempre crescente de pesquisadores, estudiosos, copiladores.

Pelas razões expostas, este *Dicionário crítico Câmara Cascudo* é merecedor dos aplausos de todos os que respeitam a memória.

O professor e pesquisador Marcos Silva, organizador, contribui com esta valiosa obra, que, certamente, já se inscreve no universo teórico das ciências humanas, como letra e voz regidas pelo contemporâneo analítico das partituras polifônicas do grande autor, oralista e recolhista Luís da Câmara Cascudo.

### *Notas*

\* Professora titular da FFLCH/USP.